

A CHEGADA DO TÊNIS DE MESA AO BRASIL: ORIGEM E SIGNIFICADOS DO PING-PONG ENQUANTO PRÁTICA CIVILIZADA (1902-1909)

Marco Bettine Almeida¹
São Paulo, São Paulo, Brasil

Gustavo Kenzo Yokota²
São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: Para uma melhor compreensão dos significados atribuídos ao tênis de mesa na sociedade brasileira durante o início do século XX, este trabalho objetivou estruturar a história das suas primeiras manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro. Como método foi utilizado um recorte histórico que vai de 1902 a 1909, com análises que partiram de uma abordagem qualitativa e exploratória, e procedimentos de pesquisas documentais e bibliográficas em jornais da época. Constatou-se que o tênis de mesa, importado da Inglaterra, chega ao Brasil como um novo jogo da moda, símbolo de modernidade e de distinção social, portanto compatível aos anseios civilizadores das elites dominantes. As descobertas deste trabalho não apenas contribuem para a historiografia do tênis de mesa no Brasil, como também somam às reflexões acerca das atividades de lazer no início do século XX.

Palavras-chave: Tênis de mesa. Modernidade. Esporte moderno. História.

THE ARRIVAL OF TABLE TENNIS IN BRAZIL: ORIGIN AND MEANINGS OF PING-PONG AS A CIVILIZED PRACTICE (1902-1909)

Abstract: For a better understanding of the meanings attributed to table tennis in Brazilian society during the early twentieth century, this work aimed to structure the history of its first manifestations in São Paulo and Rio de Janeiro. As a method, a historical cut from 1902 to 1909 was used, with analyzes that started from a quantitative and exploratory approach, and procedures of documentary and bibliographic research in newspapers of the time. It was found that table tennis, imported from England, arrived in Brazil as a new fashion game, a symbol of modernity and social distinction, therefore compatible with the civilizing aspirations of the ruling elites. The findings of this work not only contribute to the historiography of table tennis in Brazil, but also add to the reflections on leisure activities in the early 20th century.

Keywords: Table tennis. Modernity. Modern sport. History.

LA LLEGADA DEL TENIS DE MESA A BRASIL: ORIGEN Y SIGNIFICADOS DEL PING-PONG COMO PRÁCTICA CIVILIZADA (1902-1909)

Resumen: Para una mejor comprensión de los significados atribuidos al tenis de mesa en la sociedad brasileña de principios del siglo XX, este trabajo tuvo como objetivo estructurar la historia de sus primeras manifestaciones en São Paulo y Río de Janeiro. Se utilizó como método

¹ Professor Associado III da Universidade de São Paulo. Programa de Mudança Social e Participação Política. Email: marcobettine@gmail.com

² Mestrando da Universidade de São Paulo. Programa de Ciência da Atividade Física. Email: gustavoyokota@usp.br

un corte histórico de 1902 a 1909, con análisis que partieron de un enfoque cuantitativo y exploratorio, y procedimientos de investigación documental y bibliográfica en periódicos de la época. Se constató que el tenis de mesa, importado de Inglaterra, llegó a Brasil como un nuevo juego de moda, símbolo de modernidad y distinción social, por lo tanto compatible con las aspiraciones civilizatorias de las élites gobernantes. Los hallazgos de este trabajo no solo contribuyen a la historiografía del tenis de mesa en Brasil, sino que también se suman a las reflexiones sobre las actividades de ocio a principios del siglo XX.

Palabras llave: Tenis de mesa. Modernidad. Deporte moderno. Historia.

Introdução

Este trabalho busca entender os significados por trás da chegada do tênis de mesa ao Brasil, missão que demanda uma breve passagem por alguns temas essenciais, a começar pelo esporte moderno.

O esporte moderno pode ser classificado como um fenômeno sociocultural surgido no final do século XVIII, cujas manifestações tinham técnicas similares a antigas práticas corporais que existiam desde a Antiguidade, porém com sentidos e significados bem distintos (MASCARENHAS, 2009). Em suma, após adaptações nos tradicionais jogos populares, foram os jovens burgueses das escolas públicas da Inglaterra que propiciaram o desenvolvimento das primeiras atividades físicas estruturadas (BRACHT, 2005).

A partir do século XIX, consolidaram-se algumas características básicas do esporte moderno ao redor do mundo. Segundo Guttman (2004), elas consistiam na secularização, igualdade de chances, especialização dos papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do *record*. Além disso, as constantes transformações nos núcleos das sociedades europeias dificultavam a distinção social entre os grupos urbanos que se formavam nas metrópoles. Caberia ao esporte moderno demarcar de forma mais clara as novas fronteiras existentes, assumindo um papel que ia muito além do lazer. Assim sendo, tal fenômeno sociocultural, dotado da internalização do gesto motor e de uma corporalidade específica, reunia pessoas de classes sociais privilegiadas, ao passo que se tornava um bem simbólico de preservação de *status* (SOARES; VAZ, 2009).

No caso do Brasil, embora já houvesse corridas de cavalos na capital da República desde 1810 (MELO, 2007), é impossível precisar a data de chegada do esporte moderno aos trópicos. Sabe-se apenas que, quando isso se deu na primeira metade do século XIX, suas manifestações importadas da Europa estavam centradas no *fair play* e no cavalheirismo, também como modos de distinção social. Segundo Melo (2009, p. 45):

Assim, com a importação crescente dos modismos e de bens culturais europeus, os

esportes e as atividades físicas institucionalizadas chegaram ao Brasil. A influência dos estrangeiros é um fator de importância para ser considerado no desenvolvimento do campo esportivo no país. Os europeus trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo ensinar práticas ligadas às atividades físicas/esportes.

Com a transição do Império à República, São Paulo e Rio de Janeiro eram lugares privilegiados para o desenvolvimento histórico do esporte moderno em direção a várias regiões do Brasil (DIAS, 2013). Isto é, durante o período em questão, os dois estados passaram por processos acelerados de urbanização e crescimento demográfico. É nesse cenário que emergem as práticas esportivas, veículos de introjeção de comportamentos que funcionavam e continuam funcionando como modelos de padronização e interiorização de regras de conduta (BRANDÃO, 2005). Gradualmente, com o impulso das condições socioeconômicas favoráveis para tal, diversos clubes associativos foram fundados nessas localidades. Pode-se dizer que tais agremiações operavam estrategicamente em prol dos interesses das elites, posto que forjavam relações idealmente mais abertas a partir de ocasiões onde se desenvolviam comportamentos civilizados, adequados às novas normas sociais (MELO, 2022a).

Os imigrantes europeus e seus descendentes que passaram por São Paulo e Rio de Janeiro foram os principais responsáveis pela disseminação de diferentes práticas esportivas a partir da segunda metade do século XIX, pois reproduziam os hábitos de lazer de seus respectivos países de origem nos clubes associativos. A conduta de paulistas e cariocas, sobretudo daqueles mais endinheirados, seria fortemente influenciada por estes impactos, afinal, o continente europeu era tido como “civilizado” e, portanto, a adesão às práticas esportivas era um exemplo a ser seguido. Tratava-se de meios de sociabilidade que visavam a promoção dos bons modos, e cuja expressão máxima estava no sentido do amadorismo, um código de comportamento oriundo dos valores britânicos em voga na época vitoriana (NICOLINI, 2001). Já na virada do século XX, um dos esportes que ganhou projeção entre paulistas e cariocas foi o tênis de mesa, uma prática de raquetes importada da Inglaterra.

Passados mais de cem anos desde então, hoje o tênis de mesa conta com aproximadamente 12 milhões de praticantes recreativos no Brasil³. Carece, todavia, de investigações no campo das ciências humanas, especialmente no que se refere às suas primeiras manifestações no país. Sendo assim, para uma melhor compreensão dos significados atribuídos ao tênis de mesa na sociedade brasileira durante o início do século XX, este trabalho

³ Este número é uma inferência baseada nas vendas de mesas, raquetes e bolinhas. DACOSTA, Lamartine Pereira. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. Atlas do Esporte no Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

objetiva estruturar a sua história, com foco no pioneirismo dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O esclarecimento dos seus primórdios consiste em uma tarefa que não apenas contribuirá para a historiografia da modalidade, como também somará às reflexões das atividades de lazer no período.

Como método, utilizamos um recorte histórico que vai de 1902 a 1909, período em que os clubes associativos eram os principais responsáveis pelas atividades relacionadas ao tênis de mesa, pois ainda não havia entidades regulamentadoras em São Paulo e no Rio de Janeiro.⁴ As análises partiram de uma abordagem qualitativa e exploratória, com procedimentos de pesquisas documentais e bibliográficas nos seguintes jornais: O Fluminense, Jornal do Brasil, Correio Paulistano, Estado de São Paulo e Commercio de São Paulo, todos disponíveis no website da Hemeroteca Digital ou em seus respectivos acervos online.⁵ A escolha deles se deve ao fato de, segundo as buscas realizadas, terem sido os únicos de grande circulação a mencionarem o tênis de mesa na época. No que se refere às novas práticas esportivas que chegavam ao país, tais jornais também são elucidativos para percebermos a sociedade brasileira como uma esfera pública no sentido habermasiano do termo, afinal, lidos por um restrito público de leitores e em grande parte geridos pelas elites, eram formadores de opinião.

As expressões empregadas ao tênis de mesa, somadas aos demais detalhes sobre os clubes, campeonatos e seus participantes, são alguns dos dados coletados na pesquisa documental. Por fim, para melhor abordar os desdobramentos da prática de raquetes na jovem República, bem como para melhor contextualizá-los, este trabalho foi dividido nos seguintes tópicos: 1) O Brasil que estava prestes a receber o tênis de mesa; 2) A origem do tênis de mesa mundo afora; 3) Enfim, o Brasil conhece o *Ping-Pong*, um "novo jogo da moda".

O Brasil que estava prestes a receber o tênis de mesa

São Paulo, diferente da capital da República, era em meados do século XVIII um estado provinciano nada badalado, ainda conhecido exclusivamente pelas assombrosas “bandeiras”. Com poucos habitantes e sem grandes atrativos, caracterizava-se como um local de pouca importância aos interesses coloniais. Estagnado economicamente e sobrevivendo à base da subsistência, nada tinha a ver com a metrópole dos dias atuais. Tudo mudou com a segunda

⁴ A primeira entidade regulamentadora do tênis de mesa foi fundada em 1910, na cidade de São Paulo. A partir de então, passam a ser organizadas competições “oficiais”, com caráter cada vez mais competitivo em comparação ao período estudado neste trabalho. O Estado de São Paulo, 25 de abril de 1910.

⁵ Os websites da Hemeroteca Digital e do Estadão, com seus ricos acervos de periódicos de época, possibilitaram a busca de notícias a partir de palavras-chave relacionadas com o tema deste trabalho. Ambos estão disponíveis em, respectivamente: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>; <https://acervo.estadao.com.br/>.

metade do século XIX e a ascensão do café, o qual substituiria a cana de açúcar e tornar-se-ia a grande prioridade econômica do país. A partir de então, os paulistas entraram em cena como um dos protagonistas no processo de desenvolvimento nacional, fato que se tornaria ainda mais evidente no início do século XX. Como consequência, um crescimento exponencial da mão de obra estrangeira no estado: a população de imigrantes foi de 75.030 em 1890 a 478.417 em 1900⁶.

O Rio de Janeiro, por sua vez, também terminava o século XIX adequando-se aos rearranjos do capitalismo industrial, mas começaria o século XX experienciando maiores instabilidades. Era uma época de muita disputa pelo poder entre os militares cariocas e os civis da oligarquia paulista, os quais rivalizavam no plano político. Ainda assim, concentrando a maior população do país, continuaria por trás das principais transformações daquele período, além de ser a grande referência para os demais estados no plano sociocultural. Dado o prestígio de sua classe artística e literária, a capital da República figurava como uma vitrine do Brasil para o restante do mundo.

Dentre as preocupações que afligiam São Paulo e Rio de Janeiro, cabe destacar os problemas sociais decorrentes da falta de saneamento básico e das péssimas condições de higiene, sobretudo nas regiões centrais. Almejando sanar, ou pelo menos “maquiar” essa dura realidade, a ideia de modernização defendida pelas elites dominantes dos dois estados acelerou-se ainda mais no início do século XX. O período, que ficou conhecido como *belle époque* brasileira, teve como um de seus principais incentivadores o governo federal de Rodrigues Alves, presidente eleito em 1902 que se debruçou sobre as correntes de pensamento higienistas. Alinhado a esses ideais, estavam Pereira Passos, eleito prefeito do Rio de Janeiro no mesmo ano, e Antônio Prado, prefeito de São Paulo entre 1899 e 1911. Os governantes apostaram na construção de cartões postais em sintonia à arquitetura europeia, de modo que alguns investimentos foram direcionados a obras espelhadas nos bulevares parisienses, tendo como marco a Avenida Central em 1904, na cidade do Rio de Janeiro. Havia também uma grande preocupação com a energia elétrica, visto que era importante tornar as capitais mais iluminadas.

Conforme explanado anteriormente, para as elites dominantes e sua representativa classe política, o continente europeu era tido como um modelo universal de civilização e avanço, dotado de qualidades inatas, enquanto o Brasil seria um país naturalmente atrasado e racialmente inferior — teorias raciais pautadas no determinismo biológico dominavam a opinião

⁶ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Governo do Estado de São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/estatisticas.php>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

pública. Partindo desses pressupostos, aos trópicos era preciso não apenas modernizar a estética das cidades, mas, também, importar mão de obra do sul da Europa com intuito de embranquecer a população nacional.⁷

No que se refere aos hábitos e regras de etiqueta estrangeiros, eram igualmente imitadas pelas elites dominantes: passatempos e atividades de lazer em voga no continente europeu caracterizavam os brasileiros endinheirados, os quais retornavam de suas férias além-mar com as novidades na bagagem e na memória.

A gênese desses ares modernizadores advinha de significativas transformações na ordem mundial, as quais eram impulsionadas sobretudo pela ascensão do capitalismo industrial e pelo surgimento de uma nova burguesia oriunda da cena urbana. Buscava-se mostrar ao mundo que o Brasil também era uma nação civilizada e livre de enfermidades vinculadas à falta de higiene. Portanto, os membros de uma influente parcela da sociedade se dedicaram, de cima para baixo, ao embelezamento das cidades e substituição de antigas condutas, agora consideradas bárbaras.

Para melhor elucidar essa questão, recorreremos de maneira concisa à teoria eurocêntrica do processo civilizador de Norbert Elias, segundo a qual o surgimento dos esportes modernos foi uma necessidade frente ao controle das emoções e frente ao monopólio da violência física pelo Estado. Nesse sentido, os esportes modernos e suas características miméticas representavam uma válvula de escape, isto é, uma reinterpretação civilizadora dos jogos populares. As modalidades esportivas tornaram-se, então, uma forma de busca pela excitação e catarse em momentos agradáveis e socialmente aceitos, capazes de propiciar uma sociedade altamente regulada.

Sendo assim, para o pensador alemão radicado na Inglaterra, os esportes modernos foram pontos centrais das transformações de comportamento ocorridas na Europa, de modo que, dentro do processo civilizador, tornaram-se também um símbolo de distinção dos mais privilegiados em ocasiões recreativas. Feitas tais considerações, a civilização europeia que inspirava as elites brasileiras pode ser conceituada, segundo uma aproximação cuidadosa de Norbert Elias à realidade brasileira (1994, p. 24), como “a consciência que o Ocidente tem de si mesmo”, ou de maneira resumida, “tudo em que a sociedade ocidental nos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas”. Costa e Endo (2014) acrescentam sobre o pensamento de Elias:

⁷ O período que foi de 1887 a 1910 ficou conhecido como “grande imigração”, pois houve uma entrada massiva de imigrantes para cobrir a demanda de mão de obra barata, sobretudo, nos cafezais paulistas. Os imigrantes preferidos eram os europeus (italianos e espanhóis), justamente porque se acreditava que o branqueamento da população brasileira era algo necessário ao desenvolvimento nacional, tal como ditava o darwinismo social.

Um povo civilizado possui. E isso leva sempre a uma posição de diferenciação em relação a outro povo incivilizado ou bárbaro, que não possui. Trata-se de um conceito que valoriza a identidade e, como efeito dessa comparação, produz a tendência de superação e dominação.

Os esportes modernos simbolizavam a superioridade de costumes e meios de sociabilidade, pois, importados do exterior, eram recebidos nas duas capitais, objetos de estudo, como uma forma refinada de divertir-se. Pode-se dizer, portanto, que a consolidação dos esportes modernos em São Paulo e Rio de Janeiro deveu-se aos impulsos modernizadores do final do século XIX e início do século XX, visto que, para Elias, aqueles que tivessem a posse dessas práticas corporais distintivas expunham o nível tecnológico, a natureza das maneiras, o desenvolvimento da cultura científica ou a visão do mundo de sua civilização (ELIAS, 1990a, p. 23).

Um dos esportes modernos mais conhecidos no Brasil daquele momento era o turfe, cujas primeiras manifestações se deram ainda na época do Império, sempre muito relacionadas aos interesses das elites (MELO, 2007). Estes viam nas arquibancadas dos hipódromos um ponto de encontro para ostentação, mas quem realmente conduzia os cavalos nos páreos eram os jôqueis, normalmente oriundos das classes populares.

A título de curiosidade, antes mesmo do golpe de estado que instaurou a República, membros da família real compareciam abertamente em alguns eventos esportivos, por exemplo, a princesa Isabel e seu marido Conde D'eu, os quais adoravam o clube Rio Cricket, destinado à elitizada prática criada na Inglaterra (MELO, 2007). Semelhantemente, em estágio embrionário, o tênis de campo também iria se difundir entre as classes privilegiadas. A cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, teve a primeira quadra em 1889 (GONÇALVES *et al.*, 2018). Poucos anos depois, em 1892, o tênis de campo chegou ao São Paulo Athletic Club, composto majoritariamente por ingleses (GONÇALVES *et al.*, 2018). Em ambos os estados, temos a vinculação direta do esporte à terra da rainha e seus praticantes: engenheiros, executivos e os demais profissionais bem remunerados que vinham ao Brasil por conta do *boom* cafeeiro (NICOLINI, 2001).

Enfim, outros esportes modernos vestidos de elegantes produtos europeus continuariam chegando a São Paulo e Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX. Dentre as novidades, algumas seriam de apreciação passageira, enquanto outras cairiam permanentemente no gosto da população local. Ainda que já fizesse parte do cotidiano de São Paulo e Rio de Janeiro, ninguém sabia definir o que exatamente significava a palavra “*sport*”⁸,

⁸ Naquele momento, a palavra “esporte” ainda não existia no vocabulário brasileiro. Já a palavra *sport*, era mais abrangente do que nos dias atuais, visto que designava diferentes atividades, estruturadas ou não, de caráter lúdico

tão enfatizada nos jornais da época. Assim também foi chamado o inglês *Ping-Pong*, divertimento de *status* similar a um jogo de tabuleiro que, patenteado em 1900 por J. Jaques & Son, desembarcou na capital paulista dois anos depois. Essa envolvente prática de raquetes viria a se transformar naquilo que hoje chamamos de tênis de mesa.

A origem do tênis de mesa mundo afora

Embora seja uma questão indefinida na literatura, é provável que o tênis de mesa descenda do *Royal Tennis*, praticado pela nobreza europeia desde o século XII. Este primeiro jogo se desenvolveu em duas vertentes que guiaram os passos futuros de alguns esportes modernos: uma envolvia bater a bola contra paredes ou ao longo das linhas no chão, e a outra através de uma rede (UZORINAC, 2001).

Na Inglaterra, durante o último quartel do século XIX, popularizou-se em demasia a segunda vertente, cujo principal resultado foi o tênis de campo. Tratava-se de uma prática para ambientes abertos que demandava amplo espaço, entretanto, no inverno as pessoas recorriam às suas casas em busca de improvisos, tais como reproduzir o tênis de campo em uma mesa qualquer, com livros ou latas servindo de rede. Assim surgiu o *Miniature Indoor Lawn Tennis Game*, novo jogo que seria um precursor do tênis de mesa (UZORINAC, 2001).

Acredita-se que o mesmo formato também ganhou notoriedade graças ao exército colonial britânico instalado na Índia e na África do Sul, países de calor escaldante. Mal acostumados ao clima, soldados posicionavam mesas debaixo das árvores e utilizavam o que tinham ao alcance, como caixas de charutos para substituir as raquetes e rolhas de garrafas de vinho para substituir as bolas.

Por volta de 1880, o *Miniature Indoor Lawn Tennis Game* foi desmembrado em jogos de diferentes versões, as quais tinham regras e equipamentos próprios. Segundo o pesquisador inglês Alan Duke, uma patente inglesa de Ralph Slazenger, nº 3156, datada de 26 de junho de 1883, introduziu redes ideais para ambientes fechados, a serem fixadas por suportes em mesas de bilhar ou de jantar (ITTF, 2020).

Quanto às nomenclaturas, o icônico *Ping-Pong* (pingue-pongue), baseado na onomatopeia produzida pelo som da bola tocando na mesa e na raquete, foi mencionado pela primeira vez em canção de Harry Dacre, no ano de 1884, enquanto o *Table Tennis* (tênis de mesa) foi empregado a uma patente de James Devonshire, em 1885 (ITTF, 2020).

ou competitivo.

As raquetes do novo jogo podiam ser de madeira, papelão e papel de vidro, revestidas com pergaminhos, lixa e tecido, enquanto as bolas, por sua vez, eram de cortiça ou de borracha preenchida por ar, o que produzia quiques irregulares de difícil devolução (UZORINAC, 2001). Isso mudou graças a James Gibb, um engenheiro inglês que, enquanto viajava aos Estados Unidos na virada do século, descobriu as bolas de celulóide numa loja de brinquedos (UZORINAC, 2001). Logo após o incremento, o jogo caiu na graça dos ingleses e começou a se espalhar por todo país, tendo alcançado seu ápice entre os anos de 1899 e 1904.

Não demorou até que o novo formato tomasse conta da Europa, com diversas patentes sendo comercializadas pelos nomes de *Ping-Pong*, *Table Tennis*, *Whiff Waff*, *Parlor Tennis*, *Indoor Tennis*, *Pom-Pom*, *Pim-Pam*, *Netto*, *Clip-Clap*, *Tennis de Salon* e *Gossima* (ITTF, 2021). Esta última, de acordo com um anúncio resgatado pela revista *The Table Tennis Collector* de 1993 (ITTF, 2021), era praticada na mesa da sala de jantar, sem nada na sua superfície, com uma rede que podia medir de 6 a 8 polegadas. As regras eram similares àquelas do seu precursor, o tênis de campo, pois adotava o mesmo sistema de contagem dos pontos: o primeiro ponto equivalia a 15, o segundo a 30, o terceiro a 40 e o quarto fechava o *game*.

Apesar das semelhanças entre as patentes, não havia um padrão estabelecido, pois, as mesas também tinham diferentes tamanhos, as partidas diferentes contagens de 10 até 100 pontos, e os saques diferentes regras de execução, tais como a obrigatoriedade de um “quique” inicial na metade da mesa do sacador (sistema atual), ou diretamente na outra metade de encontro a um espaço limitado, porém com a obrigatoriedade do sacador estar afastado da linha de fundo da mesa (DACOSTA, 2006).

De acordo com a Federação Internacional de Tênis de Mesa, o ano de 1901 foi um marco para a emergente prática de raquetes, pois fundou-se a *Table Tennis Association* e a *Ping-Pong Association*, as quais seriam rivais pelos próximos anos. Isso indica que, gradualmente, os nomes *Table Tennis* e *Ping-Pong* (patente registrada em 1900 por J. Jaques & Son) foram aqueles que se sobressaíram dos demais citados anteriormente. Os jogadores de maior destaque nos primeiros anos do século XX eram os britânicos H. Bennet, E. Goods, P. Bromfield, E. Shires, e A. Parker (UZORINAC, 2001). Também em 1901, o jogo teve o seu primeiro livro de técnicas e regras publicado, além de ter chegado à China, sua principal expoente nos dias atuais, através de missões comerciais (ITTF, 2020).

Um detalhe interessante, conforme registrou a revista *The Table Tennis Collector* (ITTF, 2021), refere-se às empunhaduras adotadas em 1902: *backhand*, *spoon* e *forward*, as quais são antecessoras das empunhaduras *handshake* (clássica) e *penholder* (caneteira) adotadas nos dias atuais.

A chegada do jogo aos demais países da Europa se deu nessa ordem: em 1899 foi fundada a primeira sociedade de *Ping-Pong* da Alemanha; em 1902, já existia na Áustria uma associação chamada Wiener Tisch Tennis Verband, localizada na cidade de Viena; também em 1902, o jogo chegou à Tchecoslováquia, cujo primeiro clube a abrir as portas estava localizado na cidade de Praga; em 1903 há os primeiros registros do jogo na Suécia (UZORINAC, 2001). Nos anos iniciais do século XIX o jogo também foi introduzido nos Estados Unidos e no Japão, mas como ainda não havia uma padronização de regras ou equipamentos, demoraria se desenvolver nos dois países.

A partir de 1903 temos as primeiras informações a respeito da vestimenta ideal para a prática do jogo. Um texto publicado naquele ano aconselhava os homens a não utilizar ternos e shorts rígidos, os quais poderiam dificultar a mobilidade durante as jogadas, enquanto para as mulheres a dica era evitar os vestidos de cetim branco (UZORINAC, 2001). No mesmo texto havia também as primeiras descrições sobre raquetes, empunhaduras e fundamentos técnicos.

Curiosamente, a partir de 1904 a mania do *Ping-Pong* começou a entrar em declínio nos círculos britânicos (ITTF, 2020), mas seguia em alta nos países da Europa Central. Até 1910, destacava-se a pioneira Áustria, que dispunha de diversos jogadores habilidosos, tais como os homens Hartwich, Kaufmann e Lazlo (Campeão Austro-húngaro em 1907), e a mulher T. Wildam, considerada a melhor do mundo na época (UZORINAC, 2001). No entanto, a moda do *Ping-Pong* em decadência na Inglaterra tornara-se generalizada com a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), motivo pelo qual a prática de raquetes voltaria à cena somente depois do armistício. Em 1922, a terra da rainha retomou o seu processo de regulamentação e finalmente estabeleceu normas padronizadas (ITTF, 2020). Em janeiro de 1926, países que estavam alinhados com o desenvolvimento da prática de raquetes, tais como Inglaterra, Áustria, Tchecoslováquia, Suécia, Hungria, Alemanha, Dinamarca, País de Gales e Índia (único país não europeu a marcar presença), reuniram-se para fundar a ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa), cuja presidência caberia meses depois ao influente Ivor Montagu (UZORINAC, 2001). Em dezembro de 1926, na emblemática cidade de Londres, ocorreu um evento entre os países já mencionados que seria designado como o primeiro Campeonato Mundial de Tênis de Mesa.

Enfim, o Brasil conhece o *Ping-Pong*, um "novo jogo da moda"

É sabido quanto os ingleses tomam a sério os exercícios físicos e os jogos atléticos, e disso é exemplo o grande cricket match, travado em Melbourne entre ingleses e australianos, cujos resultados foram esperados em Londres com grande impaciência, tanta como se a sorte do Império dependesse daquela lide. Os

telegramas do match encham colunas e colunas dos jornais londrinos.

Agora é um jornal inglês que diz que muitos personagens respeitáveis mostram-se grandemente indignados, por ter-se dado o nome sugestivo mas um tanto cômico de *Ping-Pong* a uma nova variedade do tênis que promete ser um jogo nacional sério. Os reclamantes preferem o nome de *Table-Tennis*.

O nosso colega inglês em que publica esta notícia, observa acisadamente (sic) que *Ping-Pong* é um nome tão bom como outro qualquer, porque o novo jogo há de tornar-se forçosamente popular e tanto mais quanto é um tênis doméstico.⁹

Com a coluna acima do jornal *Commercio de São Paulo*, publicada em fevereiro de 1902, toma-se conhecimento pela primeira vez no Brasil da existência do tênis de mesa, chamado à época de *Ping-Pong* e *Table-Tennis*. Conforme destacado, tais nomenclaturas dividiam opiniões na Inglaterra, pois os adeptos de uma e de outra julgavam estar se referindo a patentes semelhantes, porém diferentes. Àquela altura havia duas associações rivais no país de origem do jogo: a *Ping-Pong Association* e a *Table Tennis Association*, cujas regras variavam (ITTF, 2020). Tido como um “tênis doméstico” e gozando de alta popularidade pela Europa, o jogo chegaria à São Paulo em abril de 1902, tendo se consolidado prontamente a nomenclatura *Ping-Pong*¹⁰. Este simpático passatempo desembarcou na cidade de São Paulo, trazido pelas mãos de brasileiros que retornavam de estadias na Inglaterra, ou pelas mãos de turistas e imigrantes desse país. Para adquiri-lo, o único ponto de venda mencionado nos jornais paulistas era a Casa Fuchs.¹¹ Desde a virada do século, tal estabelecimento, localizado no “coração da cidade”, havia se consolidado como uma loja de objetos, equipamentos e vestimentas importadas, o que incluía também artigos esportivos (FRANZINI, 2010). Os paulistanos interessados em conhecer os divertimentos mais populares do continente europeu encontravam nas suas vitrines grande variedade, acessíveis, é claro, àqueles que tivessem a condição financeira para comprá-los (FRANZINI, 2010). A Casa Fuchs era o local certo para as pessoas endinheiradas que buscavam novidades como o *Ping-Pong*.

Meses depois, uma coluna do jornal *O Estado de São Paulo*, assinada por Egas Muniz, nos daria maiores informações sobre os significados incorporados pelo *Ping-Pong*, um “novo jogo da moda”:¹²

O club internacional inaugurou em um dos seus salões o novo jogo do *Ping-Pong*, invenção inglesa que atualmente faz sucessos nos clubes aristocráticos de Londres, onde se disputam verdadeiros torneios com esse pudor esportivo característico da raça saxônica.

Como o novo sport satisfaz plenamente a essa necessidade violenta do exercício physico, que tão acentuadamente se desenvolve entre os anglo-saxões, já

⁹ Jornal *O Comercio de São Paulo*, 13 de fevereiro de 1902.

¹⁰ O nome *Ping-Pong*, com iniciais maiúsculas, designava uma patente de jogo/sport comercializada nos anos 1900 e 1910. Já o nome tênis de mesa, enquanto uma modalidade esportiva regulamentada, só passaria a ser adotado no Brasil a partir da década de 40.

¹¹ *Correio Paulistano*, 28 de abril de 1902.

¹² *O Estado de São Paulo*, 7 de junho de 1902.

se diz que foi por amor à higiene que essas formosas inglesas, de olhos marinhos, abraçaram com furor, talvez mais ardente que os dos gentleman, a nova descoberta sportiva.

(...)

O *Ping-Pong* é o tênis de salão. E, sendo um jogo de destreza, nele as mulheres, inferiores no tênis, têm conseguido derrotar campeões laureados por muitas vitórias atléticas.

Ainda ha mezes, em Paris, o brassard de um campeonato foi conquistado por duas jovens: Ivonne e Marie Louise Pfeffel.

Em Paris, mau grado à repugnância implacável por tudo que aparece além da Mancha, o que por sua vez não impede aos clubman de adotarem a moda inglesa na própria toilette.

Mas Paris é a pátria do chic; se as francesas tão coquettes consagraram o *Ping-Pong*, isso vem significar que o novo sport impõe à mulher faceira o uso de uma camiseta elegante, o colarinho e a gravata de homem; que nesse jogo se podem e se devem fazer os mais lindos gestos do mundo, "curvas harmoniosas dos braços, colleios (sic) flexuosos de busto deixando entrever uma furtiva palpação de seios, sob a tenuidade do estofo; que, enfim, o *Ping-Pong* serve de pretexto natural a encantadoras momices, a pequeninos gritos de surpresa, de fingido despeito ou de alegria maliciosa, segundo os lances do adversário.

E para os namorados? Adeus víspera em família; adeus valsas choradas ao piano, adeus dominó melancólico, palestra literária (se algum dia exististe), adeus!

O reinado é do *Ping-Pong*, que tão docemente facilita a aproximação dos que amam, favorecendo a intimidade de uma alegre camaradagem.

Os que jogam com verdadeira convicção, tanto se observam com a bola fascinadora, que nada vem do que se passa ao lado - pode o flirt abraçar-se na (indescritível) dos olhares.

E que novo encanto para quem sente a alma alvoraçada pelo frêmito do amor, poder trocar as primeiras promessas e selar os primeiros votos enquanto uma raquete impelle para outra raquette a bolinha branca de celulóide, mensageira inconsciente de dois corações que se oferecem...

Além de anunciar a inauguração de um salão destinado ao *Ping-Pong* no Club Internacional da capital paulista, a escrita, explicitamente sexista, oferece uma interpretação romantizada da prática de raquetes, como se esta fosse ideal para "poder trocar as primeiras promessas e selar os primeiros votos" entre "dois corações que se oferecem". De fato, alguns espaços esportivos eram considerados lugares propícios para o flerte, a exemplo das pomposas competições de turfe e remo, onde homens e mulheres da elite buscavam formalizar matrimônios, muitas vezes arranjados por interesses particulares.

Alguns pontos nos interessam para compreender como o *Ping-Pong* foi recebido pela sociedade paulistana e a quais significados estava atrelado, por exemplo a exaltação do padrão europeu. Segundo a coluna, o *sport* fazia sucesso nos clubes "aristocráticos" de Londres, enquanto Paris, uma metrópole adepta da novidade, é citada como a "pátria do chic" para validar, ainda que indiretamente, o *Ping-Pong* em terras paulistanas. Vale lembrar que Paris foi a capital que representou com mais força o ideário de modernidade almejado pela elite brasileira, tornando-se essencial para entender os novos parâmetros da vida em sociedade no século XIX (MELO, 1999). Sendo assim, essa localidade entrou no século XX como exemplo máximo de bons costumes. A sua vinculação ao *Ping-Pong* indica que o jogo carregava significados

desejáveis à elite brasileira da época, os quais, conseqüentemente, eram propagados pelos meios de comunicação. Há também a associação do novo *sport* ao “pudor” característico da “raça anglo-saxônica”, o que evidencia o pensamento eugenista cada vez mais defendido pelos intelectuais da época.

No que se refere às mulheres, destaca-se as razões higiênicas enquanto motivações para adotarem a prática de raquetes, sendo esta uma resposta da “necessidade violenta do exercício physico”. (ELIAS, 1990b, p.54) Nota-se que as proximidades culturais com o tênis de campo, também de origem inglesa, podem explicar porque existia uma certa aceitação da prática feminina do tênis de mesa, algo que dificilmente ocorria com outras práticas esportivas, consideradas inapropriadas às mulheres da época.

Sobre o perfil do Club Internacional, sabe-se que os seus fundadores eram membros das oligarquias paulistas, portanto personalidades influentes política e economicamente em São Paulo.¹³ Como destaque da sua programação social, figuravam os concertos de música clássica e de ópera, aulas de danças e tudo que houvesse de mais fino e erudito.¹⁴ Tratava-se de um momento no qual a convivência entre as famílias das elites locais em espaços públicos e privados da Paulicéia colaborou com a representação dos esportes e das artes enquanto atividades voltadas ao lazer, as quais eram associadas ao espetáculo e, por vezes, identificadas como manifestações culturais muito próximas. (GOIS JÚNIOR, 2013). Dessa forma, pode-se inferir que a adesão ao *Ping-Pong* em um dos salões do Club Internacional foi motivada pelo desejo de promover “entre as famílias de seus associados o estreitamento de relações amistosas”, um anseio de meios de sociabilidade modernos que abria portas às práticas esportivas em diversas agremiações semelhantes.

Da mesma forma que em São Paulo, na capital nacional os clubes esportivos promoviam intervenções educacionais por meio da promoção de práticas corporais consideradas civilizadas, ou por meio de experiências sociais de convívio, tais como bailes, festas e campeonatos que demandavam regras de comportamento na cena pública (MELO, 2022a). Nesse sentido, o *Ping-Pong* logo chegaria também às agremiações do Rio de Janeiro. Em setembro de 1902, o jornal carioca O Fluminense anuncia a organização de um campeonato da prática de raquetes, o primeiro encontrado nas buscas deste trabalho, a ser realizado entre os sócios do Clube Internacional. Embora tivesse o mesmo nome do pioneiro na capital paulista, este era outro clube esportivo, localizado no bairro de Santa Rosa,¹⁵ cidade de Niterói, a qual já

¹³ Correio Paulistano, 5 de maio de 1903.

¹⁴ Correio Paulistano, 8 de junho de 1902.

¹⁵ Jornal O Fluminense, 19 de maio de 1902.

possuía uma cultura esportiva bem desenvolvida e passaria por um importante processo de reformas urbanas nos anos subsequentes (MELO, 2022b).

Do mesmo modo, campeonatos também eram organizados pela capital paulista, pois na primeira semana de 1903 estavam abertas as inscrições para o “concurso de *Ping-Pong*” do Club Athletico Paulistano, cuja sede ficava na Rua Boa Vista, 48. O diferencial era que já existia premiação para os vencedores daquela ocasião: um “objeto de arte”. Pioneiro, o Club Athletico Paulistano fundado em 1900 tinha características que fugiam à regra da época: não era de origem alemã ou inglesa como a maioria dos clubes no estado, mas, sim, de origem paulista (NICOLINI, 2001). Pessoas exitosas nos campos econômico ou político faziam parte de seu grupo social.

Ao longo de 1903, as notícias dos jornais evidenciam que o *Ping-Pong* continuou crescendo na capital paulista. Em agosto, houve um *match do “apreciado sport”* entre a turma do Mackenzie College contra a Associação Cristã de Moços, que jogava em casa e saiu vencedora. O mesmo clube enfrentou, posteriormente, o Sport Club Internacional, tendo sido derrotado por 200 a 188 pontos, e 200 a 176 pontos, jogados em quatro partidas de 50 pontos cada uma.

Trazendo a atenção de volta ao Rio de Janeiro, cabe salientar uma coluna do jornal O Fluminense, assinada por Zadig El-Kadimo e intitulada simplesmente como “O *Ping-Pong*”: (KADIMO, 1903, s/p)

-Ping-Pong!

Essas duas sílabas têm a ressonância de badaladas de sino grande.
Entretanto elas servem hoje para designar um jogo inglês, espécie de tênis em miniatura.
Terminou o jantar; graves cavalheiros e grandes damas inglesas vestidas apropriadamente para um sarau se retiram por alguns instantes para o salão.
Os criados desembaraçam a mesa sobre a qual se traça o *tênis*
Uma rede de cerca de vinte centímetros de altura é estendida.
Tudo está pronto.
Distribuem-se aos convidados pequenas raquetes forradas de pergaminho.
Começa a partida.
As bolas de borracha foram substituídas por bolas de celulósido.
-Ping! Um ruído seco. A bola foi lançada
-Pong! Uma raqueta acaba de segurá-la na carreira com um som de pele de tambor.
E isso dura horas
De quando em quando quebra-se algum vaso ou fura-se algum quadro; mas a dona da casa abstém-se de dar qualquer sinal de descontentamento.
O seu salão ficaria deserto se ela não oferecesse mais a partida de tênis.
Um campeonato de Ping-Pong foi utilmente organizado. Foi um sucesso sem precedentes.
Damas e cavalheiros da melhor sociedade disputaram os louros da vitória, mais fáceis de conquistar nas mesas dos salões do que nos desfiladeiros da África do Sul.
Fundou-se já uma sociedade de ping-ponguistas (sic). Os aderentes são cada vez mais numerosos e contam entre eles os maiores nomes do Reino Unido.

O conteúdo da coluna informa inúmeras características de como a prática acontecia na sua terra pátria. Temos a rede com 20 centímetros de tamanho, o uso de raquetes revestidas por pergaminhos, e as bolas de celulóide (material que seria adotado pelas regras oficiais da futura ITTF até 2014). Fica evidente que o *Ping-Pong* era associado às classes abastadas da Inglaterra, as quais, depois do jantar, reuniam-se em seus salões de jogos para momentos de lazer. O uso do termo “criados”, sendo estes responsáveis por preparar a mesa da prática aos cavalheiros e damas, salienta o elitismo que rondava a prática de raquetes, apresentada aos leitores como um hobby carregado de fetichismo.

É válido se atentar à atuação dos jornais na promoção de modismos e peculiaridades acerca dos esportes, pois muitas vezes se estimulava uma linguagem específica para tratar dos seus acontecimentos (MELO, 1999). Neste caso, o neologismo “ping-ponguistas” é um exemplo claro de criações legitimamente nacionais que contribuíram para popularizar a prática de raquetes.

Havia, entretanto, um descompasso entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1905 foi fundado o *Ping-Pong Club* na capital paulista, provavelmente o primeiro clube destinado exclusivamente à prática de raquetes, sob a presidência de J. Cardoso de Menezes. No ano seguinte, novidades: o *Ping-Pong Club* organizara um campeonato individual entre os seus sócios, cujos resultados foram: 1º lugar Fernando Guastini e 2º lugar Miguel Flexa Júnior.¹⁶ Em contrapartida, no Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* publicava em data parecida uma notícia com outro foco para o *Ping-Pong*. A prática de raquetes figurou como um cobiçado prêmio do “Terceiro Concurso Mensal de Suplemento do João Paulino”, cujo texto encontrava-se na seção infantil destinada à “meninada”. Sendo esta a última notícia da década que menciona o *Ping-Pong* nos jornais cariocas, reforça-se o seu caráter predominantemente lúdico aos olhos da capital da República. É evidente como, naquele início de século XX, São Paulo avançou mais com o *Ping-Pong* do que o Rio de Janeiro. De todo modo, pode-se dizer que ambos os estados possuíam um perfil parecido de adeptos dos esportes modernos em geral: membros da elite brasileira que buscavam passatempos diferenciados e associados à nova moda, cujo envolvimento era distintivo e, logo, marcava uma forma de poder se “mostrar” (LUCENA, 2001).

Pois se o *Ping-Pong* era praticado exclusivamente pelos mais endinheirados das grandes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, dá-se ao entendimento que seu papel enquanto meio de sociabilidade encontrava-se alinhado com os ideais modernizadores da época. Conforme vimos, estava em curso um esforço civilizador, ou seja, a tentativa de introduzir hábitos europeus no Brasil (LUCENA, 2001) para substituir o seu passado agrário, rural e

¹⁶ O Estado de São Paulo, 12 de agosto de 1905.

monarquista, tido como atrasado. Dentro desse ambiente de transformação, é possível dizer que o *Ping-Pong* exercia a função das práticas 'civilizadas', portanto educadas e educativas, de modo a romper com as práticas tradicionais que remetiam ao primitivismo e à rudeza (LUCENA, 2001). Noutras palavras, tal como a teoria eliasiana, tratava-se de uma atividade física controlada, onde emoções e momentos de tensão necessários à psique humana eram vivenciados de maneira socialmente aceita. Os adeptos do *Ping-Pong* carregavam, em meio aos distintivos gestos e símbolos daquele embrionário esporte moderno, o *status* de civilizados, ainda que sob uma perspectiva exclusivamente eurocêntrica.

Dando prosseguimento, em março de 1907 houve um *match* entre a Associação do *Ping-Pong*, um novo clube destinado à prática de raquetes, e o já mencionado Sport Club Internacional. Mesmo sem a presença de seu capitão, a Associação do *Ping-Pong* foi "brilhantemente" vencedora, conforme noticiou O Estado de São Paulo. Foram disputadas duas partidas, uma com placar final apertado de 200 a 196, e a outra com 200 a 184. No que se refere aos jogadores, D'Aló, Cordeiro, Orlando e os já mencionados Fernando Guastini e Miguel Flexa Júnior tiveram atuação destacada.

Poucos meses depois, a Associação do *Ping-Pong* enfrentou o Franciscano Ping-Pong Club. Novos formatos foram adotados, dessa vez com a disputa de três partidas e placar final de 100 pontos cada uma. Como inovação, a escolha do conhecido Humberto Pulizzio para ser juiz dava o tom competitivo da ocasião. Novamente a Associação do Ping-Pong se saiu vencedora, o que já a colocava entre os grandes expoentes da prática de raquetes na capital paulista. Em situação parecida, o Sport Club Internacional era igualmente importante na organização das primeiras atividades do *Ping-Pong*. Exemplo disso foi um novo campeonato individual para sócios, cujos atrativos incluíam quatro valiosos prêmios.¹⁷ O grande vencedor foi, outra vez, Fernando Guastini, um dos melhores jogadores da capital paulista.

É de se estranhar a ausência de notícias que vinculassem o *Ping-Pong* ao São Paulo Athletic Club, conhecido como o clube dos ingleses, visto que estes eram os seus precursores. Por outro lado, o Sport Club Internacional, de origem multicultural, aparece nos jornais como um dos grandes incentivadores da prática de raquetes. Destaca-se também os jovens estudantes do Mackenzie College, uma escola estadunidense pioneira no basquete que promovia amistosos de *Ping-Pong*. Os referidos clubes paulistas eram igualmente conhecidos por outros esportes que estavam há mais tempo no Brasil, como por exemplo, o remo (NICOLINI, 2001). Sendo assim, enquanto outras modalidades importadas da Inglaterra, tais como o *cricket* e o tênis de campo, eram cultivadas como formas de fortalecimento de laços ou celebração de tradições entre os

¹⁷ O Estado de São de Paulo, 26 de outubro de 1909.

anglófonos (MELO, 2022b), o *Ping-Pong* parece ter seguido uma trajetória diferente, menos apegada às delimitações culturais de sua terra de origem.

Ainda que naquele momento a atividade física começasse a incorporar uma configuração moderna, tida como benéfica à saúde, vale lembrar que o próprio significado da palavra esporte ainda era impreciso, pois a população geral não sabia de fato diferenciar as brincadeiras espontâneas das manifestações estruturadas e competitivas. Embora terminasse a década sendo mencionado nos jornais como um *sport*, aos moldes dos dias atuais o *Ping-Pong* parecia mais com um jogo divertido do que com uma prática esportiva propriamente dita. Não havia uma regulamentação oficialmente aceita entre paulistas e cariocas, razão pela qual as regras variavam de acordo com a ocasião: o placar poderia terminar com 200 pontos, sendo estes divididos em quatro partidas de 50 pontos cada uma; ou com 300 pontos, sendo estes divididos em três partidas de 100 pontos cada uma. A padronização e regularização a nível nacional só se materializou em 1942, quando paulistas e cariocas adotaram oficialmente as normas internacionais, deixando o *Ping-Pong* para trás e finalmente instituindo o tênis de mesa, este em consonância com o formato da ITTF, entidade fundada em 1926.

Por fim, ao longo do período estudado (1902-1909), podemos concluir que a prática de raquetes constituiu-se um divertimento exclusivo aos mais endinheirados. Longe de se tornar legitimamente popular, o *Ping-Pong* tinha como adeptos membros das elites paulista e carioca, os únicos com condições financeiras para aquisição de materiais importados (mesas, raquetes e bolinhas), ou com *status* para frequentarem os poucos lugares que dispunham disso. Era o caso dos tradicionais Clube Atlético Paulistano, Sport Club Internacional e Mackenzie College, os quais priorizavam determinados grupos raciais e sociais, ao ponto de serem estabelecidas cotas aos frequentadores culturalmente distintos (NICOLINI, 2001). No Rio de Janeiro o princípio era o mesmo, afinal, desde as primeiras iniciativas da construção de um campo esportivo em seus contornos, as camadas menos privilegiadas tiveram acesso negado aos clubes associativos. Não seria exagero dizer que, sem escapar dos muros de agremiações elitizadas, fosse na capital paulista ou na capital da República, o *Ping-Pong* era inacessível à maioria da população brasileira, a qual, provavelmente, sequer sabia da sua existência na primeira década do século XX.

Considerações finais

Entre os seus objetivos, este trabalho buscou contribuir para a estruturação dos primórdios do tênis de mesa no Brasil durante a primeira década do século XX, tendo como base

o pioneirismo de São Paulo e Rio de Janeiro. Conforme explanado anteriormente, o *Ping-Pong*, formato embrionário da prática de raquetes, foi um produto de lazer importado do exterior que, aos olhos das elites paulista e carioca, representava um dos aspectos que simbolicamente remetia à modernidade. Sendo assim, o *Ping-Pong* ganhou significados similares àqueles empregados aos demais esportes modernos que desembarcavam no Brasil: uma prática civilizada oriunda de países modelo, tal como a Inglaterra, que precisava ser imitada não apenas como modo de diferenciação social das elites, mas também para materializar o progresso do Brasil enquanto nação, considerado racialmente inferior e culturalmente atrasado. Diante disso, é de se inferir que a prática do *Ping-Pong* nos moldes apresentados pelos jornais da época era extremamente inacessível para a maioria da população, pois ocorria em ambientes restritivos que dificilmente repercutiam fora do círculo social das elites. Os periódicos consultados não nos permitem, entretanto, excluir a possibilidade de que pessoas de outras classes sociais tenham tido contato com a prática do *Ping-Pong*, ainda que de forma adaptada.

Vimos também que o *Ping-Pong* não era considerado inapropriado para as mulheres em seu continente de origem. Entretanto, no Brasil é curioso que mesmo com o aval de alguns jornais, os quais discursavam favoravelmente à participação feminina, esta não foi divulgada durante toda a década estudada. Apenas homens eram mencionados nas disputas de campeonatos e amistosos, o que sugere que as mulheres adeptas da prática de raquetes provavelmente foram silenciadas naquele início do século XX.

As buscas para escrita deste trabalho contaram com alguns limites, tais como a escassa produção acadêmica sobre a trajetória do tênis de mesa no Brasil. Sem estudos prévios que se destinam especificamente à prática de raquetes, os jornais da época foram fontes essenciais para compreendermos a modalidade esportiva no início do século XX.

Por fim, este trabalho presta uma importante contribuição à historiografia oficial do tênis de mesa no Brasil, visto que, a partir das buscas aqui realizadas, foi possível rememorar diversos acontecimentos e detalhes que não constavam na literatura consultada. Espera-se que os presentes achados possam contribuir para novas discussões acerca das práticas esportivas que chegaram ao Brasil durante o final do século XIX e início do século XX, sobretudo com ênfase em modalidades pouco estudadas como o tênis de mesa. Nesse sentido, traçar paralelos com pensadores consagrados que abordaram os esportes modernos, a exemplo de Norbert Elias, faz-se um importante complemento para nortear a compreensão dos seus significados na sociedade brasileira da época.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí/SC: Unijuí, 2005.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Envolvimento e distância na obra de Norbert Elias. *In*: CARVALHO, A. B. DE; BRANDÃO, C. DA F. (Orgs.). **Introdução à sociologia da cultura**: Max Weber e Norbert Elias. 1. ed. Editora Avercamp, 2005. p. 73-88.
- CBTM Brasil. **Histórico do Brasil**. CBTM, 2020. Disponível em: <https://www.cbtm.org.br/conteudo/detalhe/3>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.
- CBTM Brasil. **Linha do Tempo Brasil**. CBTM, 2020. Disponível em: <https://www.cbtm.org.br/conteudo/detalhe/4/linha-do-tempo-brasil>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.
- COSTA, A. O.; ENDO, P. C. Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias. **Trivium - Estudos Interdisciplinares**, v. 6, n. 2, p. 16–32, 1 dez. 2014.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/59.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.
- DACOSTA, Lamartine Pereira. Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil. **Atlas do Esporte no Brasil**, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/173.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.
- DIAS, C. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 33–44, 2013.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (1994)
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador. Volume 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1990a).
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador. Volume 2**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1990b).
- FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. *In*: ANDRADE, V. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio De Janeiro: Apicuri, 2010. v.1, p. 49-70.
- GONÇALVES, G. *et al.* Uma história do tênis no Brasil: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 3, jul- set. 2018.
- GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record**: the nature of modern sports. [s.l.] Columbia University Press, 2004.
- INTERNATIONAL TABLE TENNIS FEDERATION. Documents. **ITTF**, 2020. Disponível em: <https://www.ittf.com/history/documents/>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

INTERNATIONAL TABLE TENNIS FEDERATION. History of table tennis. **ITTF**, 2021. Disponível em: <https://www.ittf.com/history/documents/historyoftabletennis/>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

GOIS JÚNIOR, Edevaldo. O esporte e a modernidade em são paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, [S. l.], v. 19, n. 4, p. 95–117, 2013. DOI: 10.22456/1982-8918.37530. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/37530>. Acesso em: 19 abr. 2023.

KADIMO, Zadig. *O Ping-Pong*. **O Fluminense**, Editorial, s/p, 1903.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MARINOVIC, W; IIZUKA, C; NAGAOKA, K. **Tênis de mesa: teoria e prática**. São Paulo: Ph Editora, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. *In*: DEL PRIORE, M.; ANDRADE, V. (Orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. Editora Unesp, 2009.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Expandida: estudos sobre o esporte nos subúrbios cariocas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022a.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva (2): diversificando as experiências esportivas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022b. v. 2.

MELO, Victor Andrade de. Das touradas às corridas de cavalo e regatas : primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. *In*: DEL PRIORE, M.; ANDRADE, V. (Orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. Editora Unesp, 2009.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Ciências da Saúde, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

SOARES, A; VAZ, A. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. *In*: DEL PRIORE, M.; ANDRADE, V. (Orgs.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. Editora Unesp, 2009.

UZORINAC, Zdenko. ITTF 1926 - 2001: Table Tennis Legends. **International Table Tennis Federation**, 2001. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll23/id/202>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

VINHAS, Ivan; AZEVEDO, Alair. Tênis de mesa. In: DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/59.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

NOTAS DOS AUTORES

Declaração de conflito de interesses

O presente estudo não possui conflitos de interesse.

Contribuição dos autores

G. K. Y. participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, levantamento e interpretação de dados, redação e revisão intelectual crítica do texto. M.B.A. participou da concepção do projeto de pesquisa, planejamento, redação e revisão intelectual crítica do texto.

Endereço para correspondência

Rua Arlindo Bétio, 1000 - Ermelino Matarazzo,
São Paulo - SP, CEP. 03828-000

Submissão: 15/06/2022

Aceite: 29/03/2023